

'SOU WORLD MASTER E NÃO É POR ACASO'

Etona – que em várias línguas africanas significa razão – foi o angolano escolhido para executar a escultura de Nossa Senhora do Restelo para a Igreja de São Francisco Xavier, em Lisboa. Por detrás do convite ao escultor esteve o português Troufa Real

Entrevista de **PATRICIA CINTRA** Fotografias de **JOSÉ SÉRGIO**

O NDE estamos?

O arquitecto Troufa Real encontrou um espaço em Lisboa para que Angola se fizesse em Portugal. Apesar da guerra, são dois povos que sempre estiveram unidos e essa unidade vê-se pela cultura e pela génese da raça humana. Estamos na sua sala Cáala, que é uma cidade da província do Huambo. Este é um espaço angolano, porque o espaço começa na mente e só depois passa para o físico.

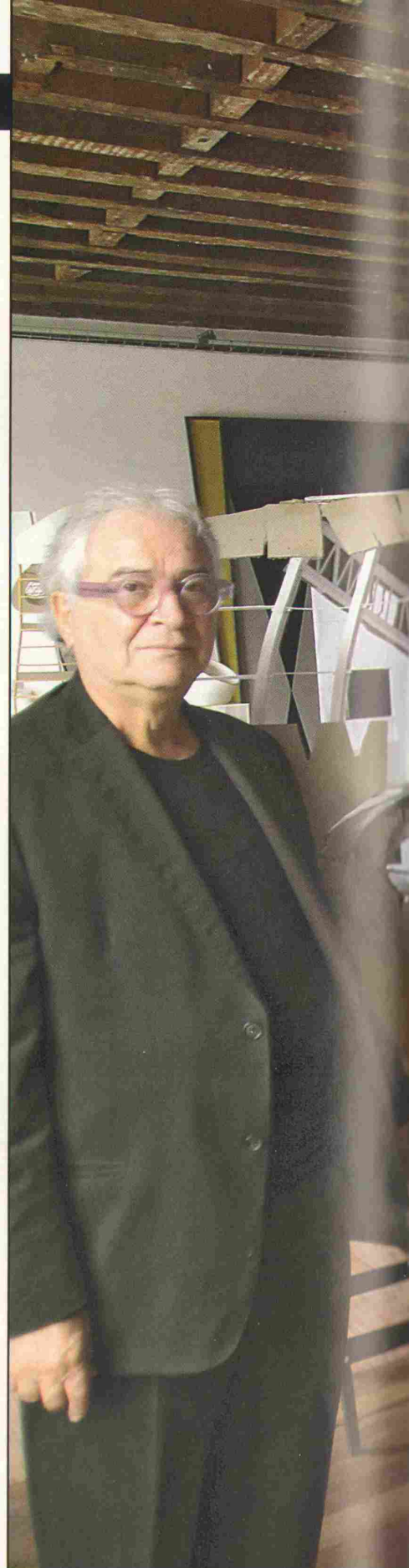
Como conheceu o arquitecto?

Ele diz-me sempre que tenho que o tratar por 'mano Zeca', mas confesso que sinto alguma dificuldade porque o respeito muito! Conheci-o em 1999, quando estava a dirigir a União dos Artistas Plásticos Angolanos numa altura em que a associação estava muito em baixo e era preciso levantá-la. O problema é que o artista africano é inimigo do seu semelhante. Estamos a falar de uma nação que viveu situações de guerra, que ainda está em construção e a formação do homem é consonante com este processo. Além de que ainda temos poucas pessoas com capacidade de reflectir e com quem aprender. Foi nessa altura que conheci também o arquitecto André Mingas e foi aí que se fechou o triângulo. Nesse período ainda estava a fa-

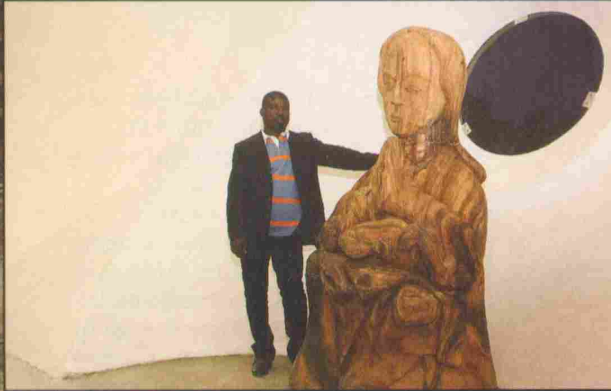
zer um caminho na política, mas depois vi que havia necessidade de se defender as artes, o espaço artístico e um circuito de arte. O próprio Presidente da República, José Eduardo dos Santos, disponibilizou quase quatro milhões de dólares para os 'fazedores de arte'. Ora não é comum um presidente em África ter essas ideias... Só que por falta de ambição e de conhecimento de algumas estruturas, esse projecto acabou por ser anulado. E essas ideias partiram do Troufa Real e do André Mingas e da sua agitação idealística.

Nota uma evolução no panorama das artes em Angola nesta última década?

Houve uma evolução, o problema é que nas artes não é fácil fazer artistas ou, por outras palavras, não há muitos 'Troufas Reais'. Mas em termos de estética, foi muita coisa feita em termos de promoção. Por exemplo, quando eu surti também apareceram outros jovens, mas muitos acabaram simplesmente como praticantes de arte e eu, com o apoio que fui recebendo e com estas iniciativas do arquitecto André Mingas, do Troufa Real e do Presidente da República, fui crescendo. Tenho o título de World Master e isso não veio por acaso. E estar agora em Lisboa com uma obra que fiz em Angola, a convite do



O ARQUITECTO TROUFA REAL COM O ARTISTA ANGLANO



ETONA JUNTO À SUA ESCULTURA FEITA EM MADEIRA DE ACÁCIA

Troufa Real, também não é por acaso. E quando vejo um artista mais velho, o meu 'mano' a reconhecer o meu trabalho, nem sei o que dizer, porque para construir vaidades basta ser bem-parecido e falar bom português, agora construir uma personalidade é difícil.

Como surgiu este seu interesse pela arte?

Venho de uma comunidade Bakongo que é mestra em termos de criatividade. Nesta comunidade, quando as crianças chegam aos dez anos, os pais põem-nas num ofício: pedreiro, carpinteiro, marceneiro ou artesão. E o mesmo se passou comigo, saía das aulas e ia para o meu ofício e a partir daí aprendi a caçar e a viver em bosques. Estou a falar de uma época que considero muito saudável, uma época de pluralidade e de formação do próprio homem angolano. Aos dez anos comecei a aprender o ofício de alfaiate, só que achei que não podia fazê-lo; mais tarde fui aprendiz de mecânico de motorizadas, mas também achei que não era para mim; finalmente fui parar ao ofício de artesanato de pintura e escultura. Mas até aí houve um desinteresse porque achava que os mestres tinham pouca técnica! Por volta de 1978/79, dediquei-me então a aprender a síntese da própria arte, até que chegou a guerra e fui mobilizado para o Kuito Kuanavale, onde estive na 16.ª Brigada. Depois retiraram-me da frente de batalha porque diziam que o país precisava de mim. E regresssei a Luanda onde continuei ligado às artes.

Depois disso correu o mundo.

É verdade. Tenho peças na China, no Japão, nos Estados Unidos, no Brasil... Além disso tenho participado nas »

conferências internacionais de estética, nas da Associação de Filosofia e outras. Mas, para mim, estar em Portugal sempre foi muito importante.

E o convite surgiu finalmente.

É verdade! O Troufa Real pediu-me para assumir este desafio de fazer a escultura da Nossa Senhora do Restelo para a Igreja de São Francisco Xavier. Quando soube que o desafio era fazer uma obra para uma igreja em Lisboa, só perguntei 'em quanto tempo?'. E ele respondeu-me 'num mês'. Fiquei logo cansado quando ouvi isto! Nem sequer

consegui responder. Estive a reflectir até que decidi aceitar porque era um desafio que vinha de Deus. Trabalhei noite e dia. O Troufa mandava muitas mensagens e eu nem respondia, andava no meio de um manejar de gruas, com troncos de acácias, no meio do rio. E escolhi as acácias como matéria-prima porque viram nascer a nação angolana e acompanharam os homens nas reconstruções das cidades e das estradas. Hoje estamos a fazer uma nova requalificação urbanística e muitas acácias estão a ser usadas como lenha, mas eu

faço-as sobreviver através das minhas obras. E quando chegou a hora a peça estava pronta. Só havia um problema: era demasiado pesada para vir para Portugal. Começámos com uma tonelada e acabámos com menos de 200 quilos! Para mim todos os acertos foram um ensinamento para a peça aprender a viver em Lisboa. E agora está finalmente entregue para a posterioridade.

O que sentiu quando viu a tarefa cumprida?

Tive sempre uma grande noção de responsabilidade. Tinha que ser 'o maluco

**«NUNCA SONHEI QUE UM DIA
AS PESSOAS CHEGARIAM
AO PÉ DE UMA PEÇA FEITA
FEITA POR MIM E SE
AJOELHARIAM PARA REZAR»**

do Troufa Real' a propor-me isto! A verdade é que nunca sonhei que um dia as pessoas chegariam ao pé de uma peça feita por mim e se ajoelhariam para orar. Agora, sinto que está entregue tal como Deus entregou a terra. Cada pessoa que se for lá ajoelhar é certamente mais importante do que eu.

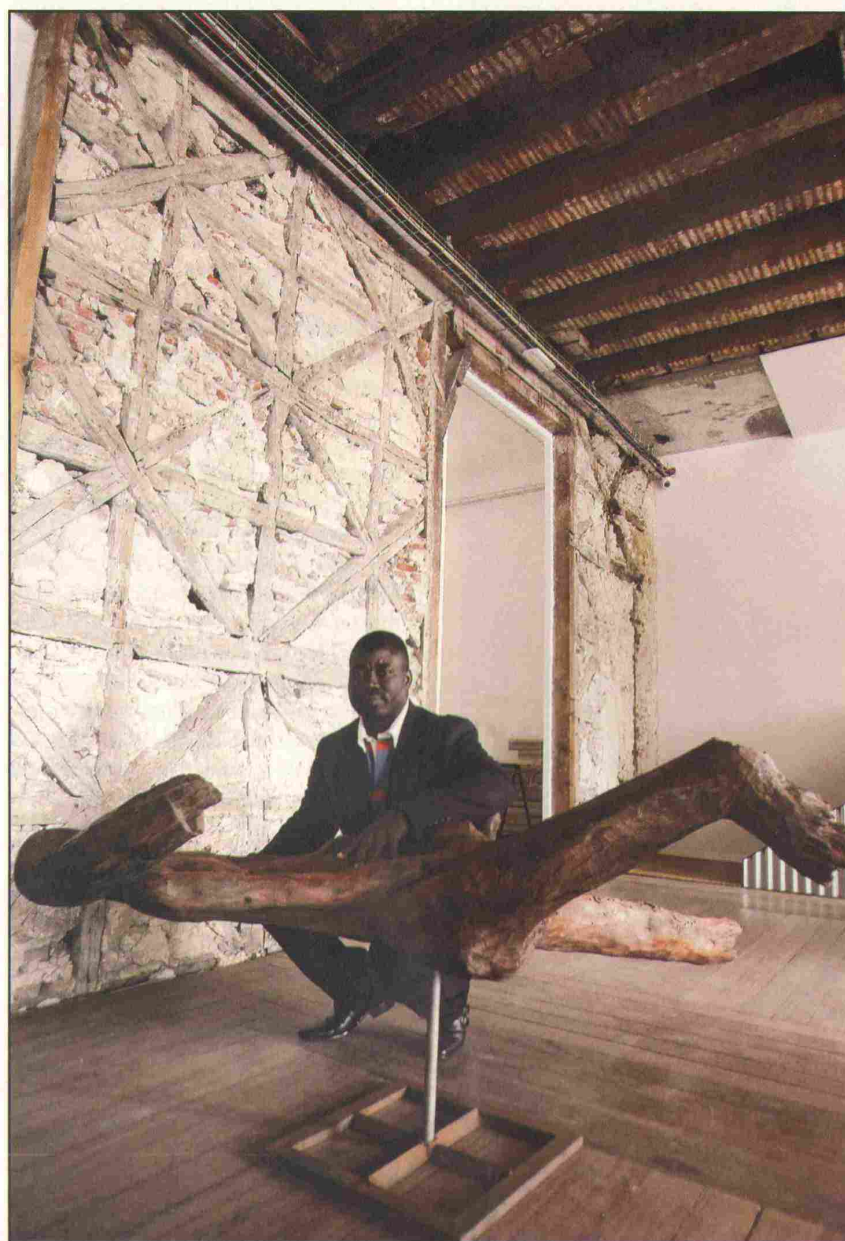
E como vê toda a controvérsia em torno da arquitectura da Igreja?

O que tenho a dizer é que o Troufa Real é um filósofo e, ao longo da história, todos os filósofos tiveram problemas. Por isso é que Cristo foi parar à cruz... Isto é natural para quem constrói obra. Ele não precisa preocupar-se com isso, precisa é de continuar a construir. Isso é que é importante. Aqueles que lançaram mais pedras a Cristo são os que agora querem estar mais perto dele, porque precisam de paz.

E depois desta missão, qual é o próximo desafio?

Gostaria de estar aqui em Lisboa e mostrar um pouco mais daquilo que tenho feito. Mas agora estou a preparar uma exposição na sede da ONU, em Nova Iorque, que vai ser inaugurada em Maio. Vou ter também outra exposição em Nova Iorque, no Museu da Liberdade, e tenho exposições marcadas em várias galerias nessa cidade. ●

patricia.cintra@sol.pt



A NATUREZA SEMPRE FOI A INSPIRAÇÃO E A PRINCIPAL MATÉRIA-PRIMA DO ARTISTA